

Toda forma de poesia vale a pena

Roda de leitura

Com a professora Milene Leite (CAp-UERJ)

1. Poemas de sete faces

Carlos Drummond de Andrade (1930)

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu
coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode,

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

2. amazona das sete lanças

Floresta (2016)

naquela noite Mariana atravessou a mesa
me beijou e disse:
vai, Cecília! ser fancha na vida.

a sociedade coíbe mulheres
que amam outras mulheres.
aquela noite talvez fosse tarde,
não houvesse tantas cervejas.

minha cabeça vertiginosa cheia de imagens:
meninas verdes púrpuras vermelhas.
pra que tantas lesbianas, minha Deusa?
resmunga meu coração.
embora as minhas vontades
sejam bastantes & famintas.

a moça de cabelos curtos
do outro lado do vagão
não deixa dúvidas:
gesticula em demasia
teve muitas, muitas amantes
a mulher atrás do livro
No bosque da noite

Afrodite,
por que foi que dividiste?
se sabias que amava demais
se atinavas que não beberia
apenas uma rodada por vez

comprida rua Augusta,
se eu soltasse um “no me gusta”
seria uma rima, e não sapatão.
comprida rua Augusta
da Paulista até o centro
foste muitas vezes
minha única consolação.

eu não devia dizer nada
mas aquela mulher
mas esse tesão
botam a gente chuvosa
como Angêla RoRo nos ouvidos
em domingos
quando é tudo
quase tudo por um triz

3. Amor é fogo que arde sem se ver Luís Vaz de Camões (1598) Amor é fogo que arde sem se ver, É ferida que dói e não se sente, É um contentamento descontente, É dor que desatina sem doer. É um não querer mais que bem querer, É solitário andar por entre a gente, É nunca contentar-se de contente, É cuidar que se ganha em se perder. É querer estar preso por vontade É servir a quem vence, o vencedor É ter com quem nos mata lealdade. Mas como causar pode seu favor Nos corações humanos amizade, Se tão contrário a si é o mesmo amor?	4. Soneto XII, Ora (direis) ouvir estrelas Olavo Bilac (1888) Ora (direis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto... E conversamos toda a noite, enquanto A Via Láctea, como um pálio aberto, Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu deserto. Direis agora: “Tresloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido Tem o que dizem, quando estão contigo? E eu vos direi: “Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas.”
5. Soneto de Fidelidade Vinícius de Moraes (1946) De tudo, ao meu amor serei atento Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior encanto Dele se encante mais meu pensamento. Quero vivê-lo em cada vão momento E em louvor hei de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu pranto Ao seu pesar ou seu contentamento. E assim, quando mais tarde me procure Quem sabe a morte, angústia de quem vive Quem sabe a solidão, fim de quem ama Eu possa me dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama Mas que seja infinito enquanto dure.	6. Soneto do amor total Vinícius de Moraes (1951) Amo-te tanto, meu amor... não cante O humano coração com mais verdade... Amo-te como amigo e como amante Numa sempre diversa realidade Amo-te afim, de um calmo amor prestante, E te amo além, presente na saudade. Amo-te, enfim, com grande liberdade Dentro da eternidade e a cada instante. Amo-te como um bicho, simplesmente, De um amor sem mistério e sem virtude Com um desejo maciço e permanente. E de te amar assim muito e amiúde, É que um dia em teu corpo de repente Hei de morrer de amar mais do que pude.

7. Contagem regressiva Ana Cristina César (1985) Acreditei que se amasse de novo Esqueceria outros pelo menos três a quatro rostos que amei Num delírio de arquivística organizei a memória em alfabetos como quem conta carneiros e amansa no entanto flanco aberto não esqueço e amo em ti os outros rostos	8. Assaltaram a gramática Wally Salomão (1983) Assaltaram a gramática Assassinaram a lógica Meteram poesia na bagunça do dia a dia Sequestraram a fonética Violentaram a métrica Meteram poesia onde devia e não devia Lá vem o poeta com sua coroa de louro, Agrião, pimentão, boldo O poeta é a pimenta do planeta! (Malagueta!)
9. Cogito Torquato Neto (1973) eu sou como eu sou pronomes pessoal intransferível do homem que iniciei na medida do impossível eu sou como eu sou agora sem grandes segredos dantes sem novos segredos dentes nesta hora eu sou como eu sou presente desferrolhado indecente feito um pedaço de mim eu sou como eu sou vidente e vivo tranquilamente todas as horas do fim.	10. Rápido e rasteiro Chacal (1971) vai ter uma festa que eu vou dançar até o sapato pedir pra parar. aí eu paro, tiro o sapato e danço o resto da vida

11. Sem título**Angélica Freitas (2012)**

as maritacas verdinhas que pousam
no parapeito da minha janela de manhã
num estardalhaço
me fazem esquecer de tudo que está errado no
mundo

pomba não é rato com asa
se você me perguntar
eu acho pomba bem revolucionária
não seve para nada
caga na cabeça das pessoas

e eu acho o urubu um bicho lindo
ele fica no céu voando em círculos
aqui mesmo em cima do edifício
eu penso por que esse bicho
não se pirulita

afinal ele tem asas
mas ele fica aqui mesmo
na cidade de São Paulo
que nem eu e você

o aeroporto dava ao bandeira
lições de partir
os pássaros me dão
lições de ficar

12. a setenta quilômetros do mar**Bruna Mitrano (2023)**

moro a setenta quilômetros do mar
moro a duas horas e meia do mar
moro a dois ônibus ou
vinte e quatro estações de trem e
onze estações de metrô
do mar

moro a tanta preguiça de ir
até o mar

mas todo dia piso
nos dois montes de areia
da calçada do vizinho
e lembro

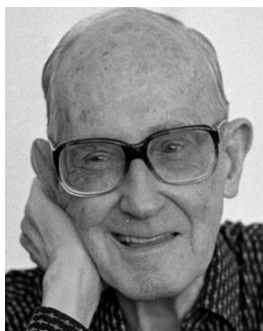
que só esquece o mar
quem mora perto do mar

eu não esqueço
que moro onde não escolhi
que moro onde posso morar e
às vezes é madrugada e faz silêncio

às vezes é madrugada e durmo
ouvindo o barulho da água
do valão diante a minha casa

e acordo com a boca salgada

nos olhos dois montes de areia.



Carlos Drummond de Andrade (1902–1987): Foi um dos maiores poetas brasileiros do século XX. Foi também cronista e contista, mas foi na poesia que mais se destacou. Foi o poeta que melhor representou o espírito da Segunda Geração Modernista com uma poesia de questionamento em torno da existência humana.



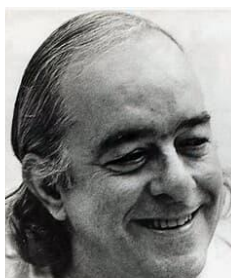
Luís de Camões: Nasceu provavelmente em 1524 e morreu em 1580, em Lisboa. Perdeu o olho direito numa batalha. Seu navio naufragou e perdeu a companheira Dinamene, mas conseguiu salvar os originais de seu futuramente épico *Os Lusíadas*. Usou seu talento poético para relatar sua experiência como amante e aventureiro. Além de *Os Lusíadas*, ficou conhecido pelos seus sonetos, considerados obras-primas do gênero pelo apuro poético e rigor da métrica.



Floresta: Nasceu em São Paulo em 1988 e foi criado por alagoanas. Pesquisa literaturas insurgentes e performances tradutórias. É autor de *poemas crus* (Patuá, 2016), *genealogia* (2019) e *panaceia* (2020).



Olavo Bilac: (1865-1918) poeta, contista e jornalista brasileiro. Autor da letra do Hino à Bandeira. Um dos principais representantes do Parnasianismo que valorizou o cuidado formal do poema, em busca de rigidez das regras da composição poética. É um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.



Vinícius de Moraes: Nasceu em 1913, no Rio de Janeiro. Sua obra é vasta, passando pela literatura, teatro, cinema e música. Ainda assim, sempre considerou que a poesia foi sua primeira e maior vocação.



Waly Dias Salomão: (Jequié, Bahia, 1943 – Rio de Janeiro, 2003). Poeta, produtor cultural, diretor artístico, letrista. Distingue-se na poesia por uma estética do excesso e da ruptura, num constante exercício de liberdade artística.



conhecidas da autora.

Ana Cristina César: Nasceu em 1952, no Rio de Janeiro. É considerada um dos principais nomes da geração mimeógrafo, conhecida também como a poesia marginal da década de 1970. A obra *A teus pés* é uma das mais



Torquato Neto: Nascido em Teresina, Piauí, em 1944, foi poeta, compositor, jornalista, ator e cineasta. Integrou o movimento tropicalista. Em 1968, após a prisão de Caetano e Gilberto Gil, resolveu deixar o Brasil. Seus poemas demonstram liberdade de pensamento e de forma. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1972.



Angélica Freitas: Nasceu em 1973, em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Autora de *Rilke Shake* (2007), *Um útero é do tamanho de um punho* (2012) e *Canções de atormentar* (2020), é um dos grandes nomes da poesia contemporânea brasileira.



Bruna Mitrano: nasceu em 1985, no complexo de Senador Camará, na periferia do Rio de Janeiro. É escritora, professora e mestre em literatura pela Uerj. Filha de camelôs, leu o primeiro livro de poesia aos 17 anos, e esteve entre os vencedores do Prêmio Off-Flip em 2010.